

# CULTURA E SOCIEDADE

DANILA BARBOSA DE CASTILHO  
(ORGANIZADORA)



# CULTURA E SOCIEDADE

DANILA BARBOSA DE CASTILHO  
(ORGANIZADORA)



2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

**Editora Chefe:** Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Diagramação:** Lorena Prestes

**Edição de Arte:** Lorena Prestes

**Revisão:** Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie di Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná

Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília  
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília  
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás  
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Msc. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza  
Prof. Dr. Adailson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Profª Msc. Bianca Camargo Martins – UniCesumar  
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Msc. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo  
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Profª Msc. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil  
 Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita  
 Prof. Msc. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária  
 Prof. Msc. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná  
 Prof<sup>a</sup> Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
 Prof. Msc. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco  
 Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
 Prof<sup>a</sup> Msc. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará  
 Prof<sup>a</sup> Msc. Lilians Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ  
 Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás  
 Prof. Msc. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados  
 Prof. Msc. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual de Maringá  
 Prof. Msc. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados  
 Prof<sup>a</sup> Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal  
 Prof<sup>a</sup> Msc. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo  
 Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
 (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

C968    Cultura e sociedade [recurso eletrônico] / Organizadora Danila  
 Barbosa de Castilho. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF  
 Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader  
 Modo de acesso: World Wide Web  
 Inclui bibliografia  
 ISBN 978-65-86002-01-0  
 DOI 10.22533/at.ed.010201402

1. Cultura. 2. Política cultural. 3. Sociedade. I. Castilho, Danila  
 Barbosa de.

CDD 353.70981

**Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422**

Atena Editora  
 Ponta Grossa – Paraná - Brasil  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)

## APRESENTAÇÃO

As manifestações culturais são uma das muitas características dos diversos grupos sociais. Assim, as produções cinematográficas, festejos, linguagens e religiosidades constituem-se de suma importância na elaboração de pensamentos críticos, identificações e difusão dos conhecimentos de um grupo.

Tais manifestações são permeadas por conflitos, disputas, percepções e experiências vividas, as quais precisam ser valorizadas em detrimento a imposição de uma cultura global, hegemônica e eurocêntrica. Pois em diversos momentos históricos as manifestações culturais populares foram, e ainda são, muitas vezes silenciadas e por vezes se refletem nos processos educacionais.

Os textos aqui apresentados nos proporcionam reflexões acerca das trajetórias de diferentes sujeitos, e nos motivam a descolonizar a cultura, o imaginário e as identidades.

Danila Barbosa de Castilho

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
“PROJETO BORA?”: UM INTENTO DE INSERÇÃO DA CIDADE DE TUCANO-BA NO TEXTO DO REGIONALISMO NORDESTINO	
<a href="#">Marcelo Cerqueira Cesar Filho</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0102014021</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>12</b>
A ICONOGRAFIA NA PINTURA DE ALBERTO VALENÇA (1890-1983)	
<a href="#">Vera Spínola</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0102014022</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>25</b>
PRODUÇÃO JORNALÍSTICA DE SENTIDOS SOBRE O DOCUMENTÁRIO FEVEREIROS	
<a href="#">Gilmar Adolfo Hermes</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0102014023</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>37</b>
FERNANDO PESSOA ENTRE TRADIÇÃO E CONTEMPORANEIDADE	
<a href="#">Rafaela Favarin Somera</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0102014024</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>51</b>
TEMPORALIDADE: IMAGEM E PODER NA <i>PROPAGANDA FIDE</i> INQUISITORIAL	
<a href="#">Geraldo Pieroni</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0102014025</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>65</b>
TIRANDO O BLOCO DA AVENIDA: A CRISE NOS BLOCOS DE CARNAVAL DE RUA NO RIO DE JANEIRO E EM SALVADOR	
<a href="#">Diego Santos Vieira de Jesus</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0102014026</b>	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>85</b>
O <i>PRESIDENTE NEGRO</i> : EUGENIA EM MONTEIRO LOBATO?	
<a href="#">Erick Vinicius Mathias Leite</a>	
<a href="#">Sônia Filiú Albuquerque Lima</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0102014027</b>	
<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>95</b>
CABILA E IJEXÁ: INTERCONEXÕES ENTRE RITMOS DE DUAS CULTURAS	
<a href="#">Adrian Estrela Pereira</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0102014028</b>	

<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>105</b>
ENFRENTAMENTO À VIOLÊNCIA DOMÉSTICA E FAMILIAR CONTRA A MULHER EM ESCOLAS PÚBLICAS DE ENSINO MÉDIO EM SÃO LUÍS	
<a href="#">Christianne Rose de Sousa Oliveira</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0102014029</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>108</b>
REFLEXÕES SOBRE O MACHISMO NA ETNOGRAFIA DOMÉSTICA DE KARIM AÏNOUZ: O “PATRIARCADO SEM HOMENS” EM SEAMS	
<a href="#">Everaldo Asevedo Mattos</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.01020140210</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>121</b>
A PRESENÇA DO RACISMO NA TRAJETÓRIA DE MULHERES NEGRAS NO MUNDO DO TRABALHO: POSSÍVEIS CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLOGIA	
<a href="#">Taíse Dos Anjos Santos</a> <a href="#">Taynan Alves Filgueiras</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.01020140211</b>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>142</b>
JOVENS NEGROS NA ESCOLA, DA EXISTÊNCIA AS REEXISTÊNCIAS: REFLEXÕES TEÓRICAS	
<a href="#">Maria Valdete Vitoria da Silva</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.01020140212</b>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>152</b>
INFÂNCIA E TECNOLOGIA: PRÁTICAS DE UMA CULTURA DIGITAL	
<a href="#">Pedro Almeida Silva</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.01020140213</b>	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>162</b>
DESAFIOS E PERSPECTIVAS PARA A INCLUSÃO NA EDUCAÇÃO	
<a href="#">Bianca de Paula Santos</a> <a href="#">Carmen Lúcia da Silva Santos</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.01020140214</b>	
<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>174</b>
AQUARIUS: EDIFICANDO O DESCOLONIAL	
<a href="#">Jacqueline Gama de Jesus</a> <a href="#">Ana Lúgia Leite e Aguiar</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.01020140215</b>	
<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>188</b>
LOBO ANTUNES: UMA VOZ LUSÓFONA QUE REPRESENTA A MEMÓRIA DA GUERRA COLONIAL EM ANGOLA EM TEMPOS PÓS-COLONIAIS	
<a href="#">Romilton Batista de Oliveira</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.01020140216</b>	

<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>197</b>
'PORTUGALIDADE' NA(S) LUSOFONIA(S): UM CONTRASSENSENTO	
Vítor de Sousa	
<b>DOI 10.22533/at.ed.01020140217</b>	
<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>219</b>
DA AUSÊNCIA À PRESENÇA: O EXEMPLO DO TACHO DO MUSEU GRUPPELLI, PELOTAS - RS	
Davi Kiermes Tavares	
José Paulo Siefert Brahm	
Diego Lemos Ribeiro	
Juliane Conceição Primon Serres	
<b>DOI 10.22533/at.ed.01020140218</b>	
<b>CAPÍTULO 19</b> .....	<b>234</b>
DESCOBRINDO USPANU	
Surama Sulamita Rodrigues de Lemos	
Thiago Augusto Oliveira de Souza	
<b>DOI 10.22533/at.ed.01020140219</b>	
<b>CAPÍTULO 20</b> .....	<b>239</b>
PERVERSÃO: CONCEITO E CONCEPÇÕES SOBRE A PEDOFILIA	
Ivana Suely Bezerra Paiva Mello	
Ana Kalline Soares Castor	
Leda Maria Maia Rodrigues Carvalho	
Mylena Menezes de França	
Silvana Barbosa Mendes Lacerda	
Daniela Heitzmann Amaral Valentim de Sousa	
<b>DOI 10.22533/at.ed.01020140220</b>	
<b>CAPÍTULO 21</b> .....	<b>253</b>
SUBSÍDIOS TEÓRICOS PARA MENSURAÇÃO DA SEXUALIDADE EM PESQUISAS PSICOMÉTRICAS	
Alexandre de Oliveira Marques	
José Augusto Evangelho Hernandez	
<b>DOI 10.22533/at.ed.01020140221</b>	
<b>CAPÍTULO 22</b> .....	<b>265</b>
A DIVERSIDADE CULTURAL PELO OLHAR KAINGANG	
Claudio Luiz Orço	
Elizandra Iop	
<b>DOI 10.22533/at.ed.01020140222</b>	
<b>SOBRE A ORGANIZADORA</b> .....	<b>280</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO</b> .....	<b>281</b>

## PERVERSÃO: CONCEITO E CONCEPÇÕES SOBRE A PEDOFILIA

Data de aceite: 31/01/2020

**Ivana Suely Bezerra Paiva Mello**  
**Ana Kalline Soares Castor**  
**Leda Maria Maia Rodrigues Carvalho**  
**Mylena Menezes de França**  
**Silvana Barbosa Mendes Lacerda**  
**Daniela Heitzmann Amaral Valentim de Sousa**

A sexualidade está presente desde os tempos mais remotos, sendo, de alguma forma, analisada por estudiosos, filósofos e teóricos, tratada de diversas maneiras, de acordo com a cultura e sociedade vigente.

Através de estudos da sexualidade, foram encontradas faces e formas de expressão, dentre delas; a perversão, sendo vista como manifestação de condutas imorais e impróprias, a partir do ponto de vista da degenerescência, ou colocada como uma estrutura psíquica. Assim é retratada a perversão e até hoje é tema presente em diversos campos dos saberes científicos como a psicologia, psiquiatria, psicanálise, genética, entre outros.

Como citado acima, várias são as escolas que se preocupam em estudar as condutas sexuais perversas, entretanto, será a psicanálise, através de seu fundador, que irá

realizar e fincar o tema de forma polemica e atuante. Importante destacar que a perversão, pela sua própria semântica, que tem origem do latim *pervertere* que significa desmoralizar, ato de perverter-se, perverso (AURÉLIO, 2010), causa controvérsias e problemas, sendo erroneamente e comumente utilizado, no senso comum, atribuindo sentido de pervertido, ganhando conotação pejorativa.

Sabe-se que, os conceitos e ideias acerca da perversão foram alterando-se durante o tempo. Nesse contexto, se observa que no primeiro momento de estudo de Freud sobre o tema, o mesmo considerou a perversão, sob influência dos teóricos Krafft-Ebing e Havelock Ellis, como uma aberração sexual. Ferraz (2010) diz que neste momento “a perversão traz, assim, a rubrica das “aberrações” e da “inversão” sexuais, cuja causa repousaria em uma fixação infantil num estágio pré-genital da organização libidinal” (p. 20). No segundo momento, através do artigo uma criança é espancada Freud (1919) traz o Complexo de Édipo como cerne da estrutura perversa. Esta descoberta é importante para o próximo momento dos Três Ensaio, sendo considerada a verdadeira essência da perversão.

É com o artigo Fetichismo (1927) que Freud aborda o Complexo da Castração

através do mecanismo da recusa da falta de falo na mãe, vinculando este mecanismo a clivagem do ego. De tal modo, negando a falta de falo, o sujeito pode fixar-se em outro objeto, no caso o fetiche, para satisfação de seus desejos. Desta forma, será como o indivíduo vivenciará o Édipo e ausência de falo que o colocará na estrutura psíquica neurótica, psicótica ou perversa.

Sabe-se que, são inúmeras as perversões, como por exemplo, o fetichismo, exibicionismo, o voyeurismo, a necrofilia, o sadismo, o masoquismo, a pedofilia entre outras, porém nesse estudo delimitara-se a estudar apenas esta última citada. Atualmente, o termo pedofilia é utilizado para definir toda e qualquer pessoa que abusa sexualmente de crianças e adolescentes. Porém, há certa confusão entre os vários termos que podem ser empregados para designar aqueles que se aproximam de crianças e adolescentes com propósitos sexuais.

## PERCURSO HISTÓRICO DA SEXUALIDADE

A Sexualidade ao longo do tempo foi tratada de diversas formas, as pessoas em várias culturas entendem-na de acordo com os seus conhecimentos e ritos, passados de geração a geração, e cada uma dessas tem seus hábitos a respeito da sexualidade e das práticas sexuais. Alguns tratam os atos e atitudes sexuais de maneira mais tradicionais e de formas mais peculiares, e são tratadas como anormais.

Observa-se que, independentemente de quais sejam os costumes, as tradições, as crenças, os instrumentos, os trabalhos, as construções, as ciências, as formas de governo, as artes, e inclusive as ideias a respeito sexualidade, todos são fatores que se alteram. “A sexualidade, no nosso entender, é um conjunto de fatos, sentimentos e percepções vinculado ao sexo, ou à vida sexual” (RIBEIRO, 2005, p.17). Ou seja, a definição diz respeito a todos os atos sexuais, tudo o que se pensa, o que se faz e como podem interferir no comportamento individual e da sociedade.

As atividades sexuais não são tão amplas como a sexualidade, pois esta “é um conjunto de práticas, atitudes e comportamentos vinculados ao ato sexual, resultante das concepções existentes sobre ele” (RIBEIRO, 2005, p.18). Todo o ato que envolve a sexualidade, com suas várias formas de exercício, como por exemplo, o genital, o oral, o anal, o sem penetração, dentre outras e, lembrando que também existe o sentido de sexo biológico, que diz respeito aos gêneros masculino e feminino. Cada gênero tem papéis diferentes devido às influências da cultura, biológicas e ambientais (RIBEIRO, 2013).

A variedade de atividade e expressões sexuais que se tem hoje abre a reflexão do quanto o ser humano reprimiu os seus desejos no passado, considerando a própria prática necessária mais para a sobrevivência humana, do que para o prazer. Era vista como algo que se devia “esconder”, como se não existisse. Todavia, isto foi mudando com o passar do tempo, e atualmente existem inúmeras formas de exercícios sexuais com finalidades não procriativas, e partindo disso, entraremos a seguir em um relato

dos atos sexuais desviantes da normalidade, as perversões.

De fato, as práticas sexuais consideradas inaceitáveis pela sociedade em que se vivia eram chamadas de perversas. A palavra no senso comum tem denotação de alguém mal, corrupto, depravado, tendo sentido sexual ou não. Segundo estudiosos da sexualidade o termo refere-se a toda atitude e comportamento sexual que desvia da normalidade na qual um indivíduo perverso só consiga satisfazer-se sexualmente através dessas condutas desviantes (CECARELLI, 1998).

Conforme o autor citado acima, pelo fato de determinadas atividades sexuais fugirem do padrão dito normal, passam a serem consideradas patológicas, como ilustra a fala a seguir:

Algumas práticas sexuais são então qualificadas de “patológicas”, o que faz surgir novas formas de perversões onde o outro é usado para obtenção de prazer e, mais uma vez, a finalidade natural é subvertida. Voyeurismo, exibicionismo, sadismo, masoquismo, vêm juntar-se à infundável nosografia psiquiátrica da época (p.1).

No século XIX nasce o discurso psiquiátrico, dando ênfase na função de finalidade natural e universal da perversão. Surgem aí estudiosos que contribuíram imensamente para o desenvolvimento do estudo da sexualidade e das perversões, entre estes, do século XIX e XX, Krafft Ebing, Havelock Ellis (1856) e Sigmund Freud, (1905) este último com sua teoria psicanalítica.

Krafft-Ebing, (1856) abordaram na sua obra *Psychopatia Sexualis*, a natureza congênita e degenerativa das perversões, opondo às perversões adquiridas, como a homossexualidade e as perversões “verdadeiras”, relacionadas aos estados degenerativos hereditárias, como as neuroses e distúrbios de caráter (FRANÇOIS A., 2009). Ressaltaram Salles e Ceccarelli (2010, p.21) que o *Psychopatia Sexualis* traz algo de radicalmente novo: uma imagem da sexualidade que se divide em “sexualidade normal” em sua essência, e “uma sexualidade geneticamente perversa devido a taras hereditárias”.

Ferraz (2010) ratifica ao dizer que a perversão foi designada no campo da Medicina como o desvio ou a perturbação de uma função normal, sobretudo no terreno psíquico e, mais propriamente, no terreno da sexualidade. Na Psiquiatria, durante a década de 80, o termo perversão é substituído pelo termo “parafilia”. Sobre as parafilia, Sanderson (2005) afirmam que são expressões anormais da sexualidade, que podem variar de um comportamento normal ao danoso para própria pessoa e seu parceiro. Para Queiroz (2004) essa expressão científica conserva um sentido de anomalia, quase sempre de conotação sexual, apresentando desta forma uma significação moral e pejorativa.

Para desfazer o juízo pejorativo quanto ao termo “perversão”, Joyce McDougall propôs a expressão “neosssexualidade” (ZIMERMAN, 2008), que caracteriza os cenários eróticos particulares, reservando o outro para designar as relações sexuais impostas por um indivíduo a outrem e este não concordando com tais atos.

## O ESTUDO DA PERVERSÃO

A perversão é um tema ainda muito estudado e analisado, visto sua amplitude de abordagens que pode ser trabalhada. No entanto, a psicanálise, embora não tenha sido a primeira a apropriar-se do estudo da perversão, mantém o estudo em constante atenção e em desenvolvimento científico. Neto e Schmidt (2011) dizem que a produção de textos relacionados à perversão aumentou significativamente nas últimas décadas, assim como aumentou também o uso do vocábulo “perversão” e seu derivado “perverso” atribuído no sentido de pervertido, denunciando tudo àquilo que é imoral, mau, criminoso na sociedade.

De acordo com Pires et al. (2011) torna-se difícil pensar a perversão enquanto estrutura ou montagem sem antes pesquisar este termo no léxico e na psicanálise. Mesmo sendo associada mais especificamente a psicanálise e a Freud, o estudo da perversão não é privilégio desta escola nem de seu fundador. Devido a sua nomenclatura passou a ser usada indiscriminadamente, atribuindo valores pejorativos e a pessoas de baixos valores morais. Embora em psicanálise se fale da perversão apenas em relação à sexualidade, o sentido moral e ético ainda é marcado pelo conceito de perversidade (COUTINHO, et al., 2004).

Confundida com a perversidade, a perversão era vista antigamente [...] como uma forma particular de abalar a ordem natural do mundo e converter os homens ao vício, tanto para desvirtuá-los e corrompe-los como para lhes evitar toda forma de confronto com a soberania do bem e da verdade (ROUDINESCO, 2008, p. 10). A autora ainda contribui dizendo que o fascínio exercido em nós sobre a perversão é devido ao fato de esta ser ora sublime, ora abjeta.

A primeira teorização mais elaborada sobre a perversão se dá através de Freud nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905), sendo importante destacar que, durante alguns anos, a mesma foi submetida a várias revisões. Neste trajeto, Freud inicia compreendendo a perversão como desvio ou aberração sexual, como relatado por Ferraz (2010) quando diz que as classificações e descrições que Krafft-Ebing e Eliis faziam sobre a perversão foram cuidadosamente analisadas e utilizadas por Freud e adotadas na descrição das “aberrações sexuais” no primeiro dos Três Ensaios, ou seja, ele caminha na vertente de uma anormalidade sexual. Porém, mais tarde é o próprio Freud que irá desprender-se desta concepção de perversão, queira ou não, ainda vinculada a uma perversidade, opondo-se a teoria da degenerescência do século XIX.

Para compor sua teoria de perversão como estrutura psíquica, assim como a neurose e a psicose, o autor perpassa pela perversão nos Três Ensaios, por três momentos distintos: o primeiro momento encontrado pelo axioma “a neurose é o negativo da perversão”. Freud, desde a época da teoria da sedução (1896) através do *Manuscrito K* já se perguntava o que diferenciava a perversão da neurose. Atuando em torno da sexualidade polimorfa infantil, ou seja, somos seres auto erógenos desde

infantis, Freud traz que “a formação de uma perversão resultaria de uma fixação infantil num estágio pré-genital da organização libidinal” (FERRAZ, 2010, p. 32).

Aqui, ele transita na relação de negativo e positivo entre neurose e perversão, isto é, pelo contraponto neurose/negativo, perversão/positivo. De forma simplificada, pode-se dizer que, neste momento, Freud entende a perversão como “a manutenção da sexualidade perverso-polimorfa na vida adulta” (CECARELLI, 2011, p. 139).

O segundo momento relaciona-se com a formulação do Complexo Edípico e a dinâmica das identificações. Freud apresenta novos elementos para a compreensão das perversões através do texto *Uma criança espancada: uma contribuição ao estudo das perversões*, tratando-se de uma fantasia sadomasoquista. Mesmo não estando em evidência, aqui a perversão é teorizada a partir dos destinos edípicos e as identificações simbólicas, conforme Ferraz (2010):

O jogo masoquista põe em cena o papel que as diferenças sexuais têm para o mundo psíquico, bem como a importância da complexidade estonteante das identificações parentais que se produzem. É no jogo sadomasoquista que elas mostram seu alto grau de complexidade, quando se pode gozar o gozo do outro por identificação. A perversão herda a carga libidinal que pertencia ao Complexo de Édipo, podendo ainda, como ocorre no caso do masoquismo, onerar-se pela culpa que está ligada, o que explica o gozo obtido a partir de fustigações e sofrimento (p. 40).

Por fim, o terceiro momento do autor acerca da perversão na qual se considera em especial os lacanianos a essência da perversão é apontada no artigo *Fetichismo* de 1927, cuja abordagem é trabalhada em detrimento do Complexo de Castração, quando o papel da recusa (*Verleugnung*) da falta do falo associa-se a consequente noção da clivagem do ego. O cerne deste artigo está na ideia de que o fetiche é um substituto para o pênis (CECARELLI, 2011).

Percebe-se então que, pela passagem do Édipo e pelo horror a castração e a forma como o sujeito reage a elas é que determinará a estrutura a qual ele irá se situar. “As estruturas clínicas (neurose, psicose e perversão) podem ser estabelecidas como modos de respostas ao desejo do Outro e remetem à posição do sujeito em relação à falta” (MARQUES; GAMA; MENDONÇA, 2013, p. 196).

É então entendido que no fetichismo e em outros tipos de perversões o triunfo da ameaça de castração permanece durante a vida sexual, cumprindo um papel protetor, e que se torna condição imprescindível ao gozo, daí o alto grau de fixação e idealização. Sendo assim, se entende que os mecanismos psíquicos envolvidos na pedofilia como, comportamentos sexuais pulsionais que não estavam ligados a uma doença mental, e sim a um estado infantil da sexualidade.

## CARACTERIZAÇÃO DA PEDOFILIA

A pedofilia é um tema controverso, pois, não há um perfil que possa tipificar e identificar o seu agente ativo. Por definição, pedofilia é um distúrbio psicosssexual representado por desejo forte e repetido de práticas sexuais e de fantasias sexuais,

exclusivamente, com crianças pré-púberes. Dessa forma, ele pode estar no meio de pessoas das mais diversas condições sociais e profissionais, sem levantar qualquer suspeita.

O termo pedofilia tem origem grega e é formado pelos radicais παιδί (criança) e φιλία (amizade, afeição). Etimologicamente é um termo ambíguo, pois todo aquele indivíduo que tem afeição ou gosta de crianças poderia ser chamado de pedófilo (FERRAZ 2010). Caracteriza-se por pedofilia todo indivíduo que tem desejos recorrentes de práticas e de fantasias sexuais com crianças consideradas pré-púberes.

Quando o objeto do desejo for adolescente, usa-se o vocábulo *hebefilia*, que pode ser dicotomizado em *efebofilia* para adolescente do sexo masculino e *ninfofilia* para adolescente do sexo feminino (BLANCHARD *et al.*, 2009). O termo Pedofilia erótica ou pedossexualidade são empregados como sinônimo de Pedofilia.

Por muito tempo também se confundiu pedofilia com pederastia. Por volta do século XVI, eram normais as relações sexuais entre um homem e um menino (criança ou adolescente) e utilizava-se o termo pederastia para designar o amor aos meninos. Só a partir do século XIX que o termo retoma o seu significado semântico nas práticas homossexuais masculinas entre adultos (RIBEIRO, 2013).

A pedofilia pode ser considerada sinônima de abuso sexual, mas a recíproca não é verdadeira. O “abuso sexual” refere-se a comportamentos e não supõe, necessariamente, um perfil psicológico específico, ou mesmo um motivo como ocorre com o pedófilo. Diferente deste, o abusador tem outras razões para realizar o ato e não manifesta um padrão continuado de atração sexual por crianças. Além da pedofilia, são considerados abusos, o estupro, o assédio sexual e a exploração sexual profissional (BOUHET; PÉRARD; ZORMAN, 1997; FURNISS, 1993).

O conceito de “exploração sexual” é amplo e abriga em seu conceito o pedófilo que explora crianças pré-púberes com o propósito de obter vantagens e lucro, em ações indiretas, como acontece em redes de prostituição, pornografia, tráfico e turismo sexual (FALEIROS, 2000). A rede internacional de computadores (*internet*) é um dos veículos mais usados pela sua facilidade e amplitude de alcance.

Outro termo que está associado ao da pedofilia é a violência sexual, que consiste em um ato de penetração sexual vaginal ou anal, por um órgão sexual, um dedo ou um objeto, ou ainda, um ato de penetração oral por um órgão sexual, em pessoas do sexo feminino ou masculino, sem o seu consentimento (LAMEYRE, 2008). A ideia de consentimento perde a sua conotação, se a vítima tiver idade inferior a 14 anos (arts. 217-A, 218, 218-A, do CPB), inclusive com parâmetro de 17 anos positivado pelo art. 218-B, todos da Lei Penal Brasileira.

Caso um indivíduo, em algum momento de sua vida, se sentiu atraído sexualmente por uma criança ou adolescente, não significa que este seja um pedófilo ou esteja sofrendo de um transtorno sexual parafílico. Para tal, são necessários que sejam preenchidos os critérios diagnósticos para a parafilia do “*Diagnostic and statistical manual of mental disorders*” (DSM-IV-TR, 2000), que se refere a uma publicação da

Associação Psiquiátrica Americana – APA. Este manual, diagnóstico e estatístico de transtornos mentais, define a pedofilia como uma “disfunção sexual, caracterizada por uma alteração do desejo sexual e por mudanças psicofisiológicas no ciclo de resposta sexual” (p. 571) e está classificada, genericamente, como parafilia.

As parafilias são caracterizadas por impulsos sexuais intensos e recorrentes, por fantasias ou comportamentos que implicam objetos, atividades ou situações inabituais e que estas noções de desvios, padrões de desempenho sexual e conceitos de papel apropriado para o gênero podem variar culturalmente. Esses transtornos produzem distúrbios clinicamente significativos, comprometimento das relações sociais, de trabalho e de outras áreas importantes da vida do indivíduo. Além da pedofilia, é diagnosticado como parafilia “o exibicionismo, o fetichismo, o fetichismo transvéstico, o frotteurismo, o masoquismo, o sadismo, além das parafilia sem outras especificações” (DSM-IV-TR, 2000, p. 566).

Nesse contexto, os critérios de diagnósticos para pedofilia determinam que o desejo e/ou fantasias sexualmente excitantes devem ser recorrentes e intensas; que os impulsos sexuais ou comportamentos envolvendo atividade sexual devem persistir por um período mínimo de seis meses. Além disso, as fantasias, impulsos sexuais ou comportamentos, devem causar sofrimento clinicamente significativo ou prejuízo no funcionamento social ou ocupacional ou em outras áreas importantes da vida do indivíduo.

Por causa da natureza egossintônica – representações compatíveis com a sua integridade e as suas exigências – da pedofilia, muitos indivíduos experimentam comportamentos, fantasias e impulsos pedofílicos, sem apresentarem sofrimentos significativos. Deve, ainda, especificar se o pedófilo tem atração sexual pelo sexo masculino, pelo feminino ou por ambos; se está restrito ao incesto e se é do tipo exclusivo (atração apenas por crianças) ou do tipo não exclusivo (DSM-IV-TR, 2000, p. 571) e, o indivíduo deve ser, pelo menos, cinco anos mais velho que a criança e ter, no mínimo, dezesseis anos.

Não há uma identidade ou uma categorização que revele um pedófilo. Ele pode estar entre pessoas das mais diversas condições sociais e profissionais, que estariam e que inclusive estão acima de qualquer suspeita, cujas vítimas são crianças de tenra idade e que, geralmente, estão inseridas no mesmo meio familiar do seu agressor. Geralmente, o pedófilo justifica seu comportamento (e sua inocência) apresentando o discurso da orientação natural. Sua construção mental visa a convencer que o ato pedofílico é um desejo ou um consentimento suposto da criança, conferindo a ele uma normalidade e naturalidade (SERAFIM AP, et al., 2009).

Embora não haja uma tipificação ou um padrão que os identifique, os pedófilos podem ser charmosos, simpáticos, compreensivos, solidários, úteis, atenciosos, afetivos, generosos e disponíveis emocionalmente, para terem sucesso nas empreitadas de seduzir crianças. Para isso, eles escolhem viver em comunidades onde tenham bastante acesso a suas vítimas, por isso, comumente frequentam

escolas, parques, praças, centros comerciais, piscinas e locais públicos de diversão infantil (SANDERSON, 2005). Há preferências, também, por locais onde existam crianças carentes, desassistidas ou abandonadas, inclusive oferecendo ajuda afetiva e financeira. Eles são muito criativos, pois precisam desenvolver estratégias de atuação e, ao mesmo tempo, de evitação para permanecerem no anonimato.

O tipo mais comum de pedófilo abusador é o indivíduo imaturo. Em algum ponto da vida ele descobre que pode obter com crianças níveis de satisfação sexual que não consegue alcançar de outra maneira. Os indivíduos pedófilos, que agem sobre impulsos, podem limitar sua atividade a tirar a roupa da criança para expor e olhar a sua nudez, masturbando-se na presença dela ou, simplesmente, acariciando-a.

Outros, entretanto, induzem a criança à felação – coito bucal – ou praticam a cunilíngua – ato de passar a língua na vulva e/ou clitóris – na criança ou penetram a sua vagina, a sua boca ou o seu ânus, com seus dedos ou introduzindo objetos estranhos, além da introdução do pênis e o uso da força para fazê-lo, apesar de menos frequentes. Geralmente, o pedófilo não recorre à violência física. Segundo Sanderson (2005), eles são predadores sexuais disfarçados de pessoas gentis, para parecerem normais e simpáticos e, assim, evitarem suspeitas no convívio social.

Devido aos seus comportamentos imprevisíveis e multifacetados é difícil determinar um perfil característico para os pedófilos. Por apresentarem um enorme leque de atividades, que vai desde um ato isolado até as redes criminosas especializadas em pedofilia, cujos participantes são nomeados de “ladrões da inocência” (CÁNOVAS, 2004), ou de “predadores sexuais”, para usar um termo emprestado de Robert Hare, que nomeia os indivíduos de personalidade antissocial (psicopatas) de “predadores intraespécies” (MARQUES, L; GAMA, L; MENDONÇA, S. F., 2012). Isso atribui ao pedófilo “um grande polimorfismo fenomenológico que parece fazer parte da própria condição pedofílica, sendo difícil traçar uma fotografia nítida de sua personalidade” (TRINDADE; BREIER, 2010, p. 23).

Embora a pedofilia seja praticada, na maioria dos casos (70%), por homens (CAPITÃO; ROMARO, 2008), estima-se que as mulheres também cometem abusos sexuais, com uma preferência por crianças abaixo de cinco anos de idade. O pedófilo utiliza-se de várias estratégias para que o abuso sexual com a criança dure bastante tempo.

Por isso, a equipe de profissionais envolvida, ao abordar uma situação de possível abuso sexual, deve estar atenta para a “Síndrome de Segredo” e a “Síndrome de Adição” descrita por Furniss (1993) e por Gabel (2002). Na Síndrome de Segredo, o pedófilo tem consciência que o seu ato é, socialmente, inaceitável. Ele, então, protege-se através de um mecanismo de segredo, imposto por intermédio de segundas ameaças à criança. Por se sentir ameaçada, a criança guarda segredo, ou por temer eventual punição, ou por ser desacreditada e ficar desprotegida. Já na Síndrome de Adição há um comportamento compulsivo pela perda de impulso em face ao estímulo produzido pela criança.

O pedófilo, por descontrole, usa a criança para alcançar a excitação sexual e alívio de tensão, gerando, de imediato, dependência psicológica e negação da dependência. Com o segredo mantido, o pedófilo é levado à adição ou repetição, pois seu estímulo sexual é egossintônico. A gratificação sexual do seu ato é sustentada pela baixa tolerância à frustração, os mecanismos frágeis de manejo e as funções de um ego fragilizado.

Em relação ao lugar que a perversão ocupa na sociedade contemporânea, Roudinesco (2008) constatou que com a retirada da perversão do discurso médico, etiológico ou biológico (tendo em vista que nunca se conseguiu correlações fidedignas entre a perversão e uma anomalia genética ou biológica qualquer) é o direito que dá a perversão sua nova face institucional. Portanto, o discurso jurídico determina quais são as práticas sexuais lícitas ou ilícitas, e uma vez que o Estado não se intervém mais na intimidade dos cidadãos, todas as práticas sexuais perversas entre adultos que consintam a realização das mesmas são autorizadas.

O perverso, não é mais visto no momento pela Lei como perigosos para a sociedade e suas perversões permanecem privadas. Os perversos de hoje são “normalizados, autorizados, despenalizados, despsiquiatrizados” assim como afirma Roudinesco (2008 p. 195), tornando-se objeto de estudos científicos, eróticos, pornográficos, psicanalíticos, sexológicos que esquadriam seus prazeres, paixões, transgressões e vícios. Nos dias atuais possivelmente a figura do pedófilo que encarna uma espécie de essência da perversão.

## PRINCIPAIS CONCEPÇÕES SOBRE O TRATAMENTO

Nos dias atuais é a figura do pedófilo que encarna uma espécie de essência da perversão. Roudinesco (2008) descreve um dos diversos tratamentos que os psiquiatras, especializados em sexoterapia, ministram aos pedófilos há cerca de 20 anos nos Estados Unidos e Canadá. Com o objetivo de extrair a verdade psíquica do próprio corpo do sujeito, os terapeutas os encorajam a assistir até não mais poder filmes pornográficos, ao mesmo tempo em que os amarram a múltiplos aparelhos com a função de mensurar a intensidade de suas emoções ou suas ereções. Assim, os ditos desviantes são obrigados, por vontade própria, a tornarem-se “ratos de laboratório” (p.35).

As pessoas que se submetem a tais tratamentos são convidadas a repetir fantásticamente seus atos delituosos a fim de torná-los indesejáveis em virtude de condicionamento. Em seguida são incitados a se reeducar efetuando, sob controle, coitos ditos normais. Quando os diversos tratamentos são declarados ineficazes, os médicos do sexo preconizam a castração, química a princípio (por ingestão de hormônios), depois cirúrgica (por ablação dos testículos). Nenhum experimento conseguiu provar que tais tratamentos perversos fossem eficazes.

A respeito de tais terapêuticas, Roudinesco (2008) ressalta que “os perversos

desafiam a Lei. E, se a ciência, substituta da Lei, estimula essas “terapias” não faz senão incitar o perverso a desafiar mais a Lei” (p. 206). Compara ainda esses tratamentos aos antigos castigos corporais e sua eficácia às sangrias e purgações que os médicos de Molière ministravam a seus pacientes.

Nos meios psicanalíticos é corriqueiro escutarmos que o perverso raramente procura uma análise. Isto porque a prática perversa consiste na garantia do gozo. Os sintomas acabam por serem sentidos de forma prazerosa e isso acaba sendo uma dificuldade quando pensado o tratamento psicanalítico no quesito das perversões. Esta constitui a maior dificuldade em tratar a clínica da perversão.

De um lado temos aqueles que procuram o profissional, e do outro temos o conhecimento teórico do funcionamento perverso. Exonerar-se daqueles que nos procuram, segundo Ceccarelli (2005) seria a constituição “da perversão do outro lado do divã”, compactuando com as múltiplas faces das teorias apresentadas e fazendo parte da manutenção da teoria como uma defesa frente à escuta analítica.

A transformação da teoria psicanalítica em uma crença baseada em dogmas constitui o risco de uma normalização no que se refere à circulação do desejo. Cabe ao psicanalista sempre estar atento às pluralidades das expressões e ao enigma que o sexual reverbera. É impossível ajuizar em formas pré-estabelecidas quando se pensa na travessia edípica e nos modelos das produções das alteridades.

Quanto à perversão e aos ditos “perversos inalisáveis” que procuram o tratamento psicanalítico é mais importante se estar atento à escuta do psicanalista do que em provar tais teorias acerca da perversão. Fundamentalmente, cabe ao analista, saber quais motivos o levam a colocá-lo nessa posição de escuta, confrontando seus princípios e desejos em sua análise pessoal. Não há comprovação de que o perverso, necessariamente, não é analisado. De certa forma, Ceccarelli (2005), nos aponta a possível reflexão de que de forma questionável a teoria psicanalítica não assegure a análise, dessa constituição perversa, as pluralidades dessas manifestações sexuais.

Na escuta da perversão o profissional sempre será confrontado com questões éticas, pois, as configurações das manifestações perversas tendem a colocar-se a frente de posturas antiéticas, que contratransferencialmente, declinem a escuta psicanalítica, fazendo com que o perverso possa afastar-se da clínica.

A escuta do perverso implica em reconhecer que a estruturação visa garantir a sua sobrevivência psíquica. Para tanto, se deve atentar para a tênue linha que separam a escuta do acolhimento e a escuta da benevolência e da condescendência no que diz respeito àquilo que é ouvido de um analisando com estrutura perversa. “A clínica da perversão pode muitas vezes exigir do analista que experimente a máxima exigência ética da psicanálise, que pressupõe a neutralidade e a abstinência” (FERRAZ, 2010, p. 8). Contrariamente a isso, o analisando pode buscar imobilizar o trabalho analítico, colocando o analista em um lugar de espectador do cenário reprodutor das suas relações objetais perversas.

As moções contratransferências exigem do analista a habilidade essencial de

saber que ele pode ser seduzido pela montagem da cena perversa retratado pelo paciente, ou ele pode ser incapaz de identificar-se essencialmente com as moções pulsionais trazidas pelo analisando (QUEIROZ, 2004). Trata-se, na prática, de um trabalho que lança um desafio ao analista, tendo em vista que a clínica da perversão impõe ao perverso o lugar de confrontar-se com sua sexualidade infantil. Vale ressaltar que na superfície “neurótica-normal” existe a conservação de traços da criança cuja sexualidade é perverso-polimorfa.

É possível que haja modificações em um comportamento do perverso pedofílico, como apontam estudos de Costa, (2015); Serafim, (2009); Serafim, (2013), de tal modo a permitir uma intervenção preventiva. Para tanto, se deve ultrapassar a barreira da dificuldade que existe na clínica, em que há uma resistência do pedófilo em aceitar fazer psicoterapia e permitir-se ser escutado, cabendo ao psicanalista acolher e possibilitar uma escuta.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Relações sexuais entre adultos e crianças não são um fenômeno exclusivo da sociedade atual. Constituem práticas existentes desde as civilizações antigas. Até o fim da Idade Média, não existia a concepção de infância como uma etapa do desenvolvimento do indivíduo. As crianças eram consideradas como pequenos adultos, e talvez por isso fossem um meio de entretenimento para os adultos iniciá-las nas experiências sexuais, com aparente conotação de comportamento normal. Para a sociedade de hoje a criança está colocada em seu devido lugar. Ela é um ser em formação, cujas estruturas anatômicas, fisiológicas e psíquicas ainda são imaturas e, por viver esse período de ingenuidade e fragilidade, deve receber toda a proteção da sociedade e de seu aparato jurídico.

O pedófilo age em nome do direito de liberdade sexual (técnica e factualmente desviado dos limites lógica e humanamente adequados) e, em regra geral, acredita que a iniciação da criança no gozo é até necessária para o desenvolvimento normal dela. Porém, esses princípios não se justificam na sociedade de hoje, não isentando os próprios autores dos efeitos danosos causados e nem os eximindo das sanções legais cabíveis aos seus atos.

Em se tratando de pedofilia, há quase sempre o risco da recorrência. Realizar uma política preventiva é tarefa conjunta da sociedade e dos poderes públicos. Essas entidades devem promover ações preventivas nas escolas, no âmbito familiar, nos centros comunitários e na mídia em geral, antes que aconteça o abuso sexual. Mas se ele acontecer, as vítimas precisam acima de tudo de ajuda e não de tratamento. Um apoio emocional adequado é muito importante e, por si só, pode ser suficiente. Mostrar à criança que ela não tem culpa pelo que aconteceu e que existe alguém a lhe apoiar e ajudar.

Sobre a pedofilia, o sistema jurídico brasileiro é tímido e modesto dominador

temático. Ele precisa de conhecimentos específicos sobre a complexidade do abuso sexual infantil e as informações técnico-teóricas da psicologia para melhor conduzir a inquirição da criança. O judiciário deve saber se comunicar e interagir com a criança no nível real do desenvolvimento cognitivo, intelectual, psicossocial e psicosssexual da criança, para que as intervenções fiquem mais próximas da realidade, com o intuito de proteção à vítima e punição justa ao autor, no incansável, porém tantas vezes, frustrante processo ressocializador.

## REFERÊNCIAS

AURÉLIO, B.H. *Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. Editora Positivo, 2010.

BLANCHARD, R.; LYKINS, A. D.; WHERRETT, D.; KUBAN, M. E.; CANTOR, J. M.; BLAK, T.; DICKEY, R.; KLASSEN, P. E. *Pedophilia, hebephilia, and the DSM-V*. Arch Sex Behav 38:335–50, 2009.

BOUHET, B.; PÉRARD, D.; ZORMAN, M. “A extensão do problema. In: Gabel, M.(org.), *Crianças vítimas de abuso sexual*. (p. 29-42). São Paulo: Summus, 1997.

CÁNOVAS, G. *Ladrones de inocencia: pedofilos*. Madri: Nuevos Escritores, 2004.

CAPITÃO, C. G.; ROMARO, R. A. *Caracterização do abuso sexual em crianças e adolescentes*. Psicol. Am. Lat. n. 13, 2008. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1870-350X2008000200014&script=sci\\_arttext&lng=en](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1870-350X2008000200014&script=sci_arttext&lng=en). Acesso: 05 Jan. 2017, às 13h33.

CECCARELLI, P. R. Potencialidades de perversão. **Boletim de Novidades da Livraria Pulsional**, São Paulo, ano XI, 113, 79-82, set. 1998.

\_\_\_\_\_. Perversões e suas versões. **Reverso**, Belo Horizonte, nº 52, p. 43- 50, Set. 2005.

\_\_\_\_\_. As possíveis leituras da perversão. **Estudos de Psicanálise**. Belo Horizonte-MG, n. 36, p. 135–148, dez. 2011.

COSTA, L. P. Características biopsicossocial de autores de agressão sexual de crianças e /ou adolescentes em contextod intrafamiliar e extrafamiliar .Dissertação (mestrado) . Universidade Federal do Pará, Belém. 2015.

COUTINHO, A. H. A. et al. Perversão uma clinica possível. **Reverso**, Belo Horizonte, ano 26, nº 51, p. 19-28, ago, 2004.

CID-10. *Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde*. 10 ed. Organização Mundial de Saúde, 2006.

FALEIROS, E. T. S. *Repensando os conceitos de violência, abuso e exploração sexual de crianças e adolescentes*. Brasília: Thesaurus, 2000.

FERRAZ, F. C. **Perversão. 5º ed. rev. e ampl., São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010.**

\_\_\_\_\_. **Tempo e ato na perversão**. 2 ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010.

FREUD, Sigmund. **(1905) Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade**. vol. VII. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

\_\_\_\_\_. **(1915) Os Instintos e suas Vicissitudes**. vol. XIV. Edição Standard Brasileira

das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

\_\_\_\_\_. (1919) **Uma Criança é Espancada**: uma contribuição ao estudo da origem das perversões sexuais. vol. XVII. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

\_\_\_\_\_. (1924) **O Problema Econômico do Masoquismo**. vol. XIX. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago 1976.

\_\_\_\_\_. (1927) **Fetichismo**. vol. XXI. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago 1976.

\_\_\_\_\_. (1950 [1892-1899]) **Extratos dos documentos dirigidos a Fliess**. vol. I. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

FURNISS, T. *Abuso sexual da criança*: uma abordagem multidisciplinar, manejo, terapia e internação legal integrados. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

GABEL, M. *Crianças vítimas de abuso sexual* 4 ed., São Paulo: Summus, 2002.

KRAFFT-EBING Richard. *Psychopathia Sexualis*: Cap. III- Neuropsicopatologia Geral. Tradução Alain François. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, São Paulo, v. 12, n. 2, jun. 2009.

KERNBERG, O. F. **Agressão nos transtornos de personalidade e nas perversões**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1995.

**Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais DSM-IV-TR-TM**. 4 ed. Artmed, 2002. p. 880.

MARQUES, L; GAMA, L; MENDONÇA, S. F. de. Perversão? Notas sobre perversidade, perversão polimorfa e estrutura perversa. **Rescac Revista Saúde, Corpo, Ambiente & Cuidado**, nº 1, p. 192-201, jan/mar, 2012.

NETO, G. A. R. M; SCHMITT, LARA STRESSER. Perversão e contemporaneidade: um discurso equivocado?. **Psicologia: Teoria e Prática**, 13(2): p. 182-194, 2011

PIRES et al. Perversão – estrutura ou montagem? **Reverso**, Belo Horizonte, n. 60, set 2010.

QUEIROZ, Edilene Freire. **A clínica da perversão**. São Paulo: Escuta, 2004.

RIBEIRO, P. R. M. Sexualidade também tem História: Comportamentos e Atitudes Sexuais através dos Tempos. **Sexualidade e infância**, 2005 - 200.145.33.33. Disponível em:<<http://200.145.33.33/cecemca/cadernos/Sexualidade%20%20Inf%20%20fev%202006.pdf#page=16> > Acesso em: 09 06 2017.

ROUDINESCO, E. **A parte obscura de nós mesmo**: uma história dos perversos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

SANDERSON, C. *Abuso sexual em crianças*. São Paulo: M. Books do Brasil, 2005.

Sadock, B. & Sadock, V. *Compêndio de Psiquiatria: Ciência do Comportamento e Psiquiatria Clínica*. (9.ª ed.). São Paulo: Artmed ,2007.

SALLES, Ana C. T. da Costa; CECCARELLI, Paulo Roberto. A invenção da sexualidade. **Reverso**, Belo Horizonte, n. 60, set 2010.

SERAFIN,A. ; SAFFI,F.; RIGONATLI,S.: CASOY,I.; E BARROS.D.; perfil psicológico e

comportamental de agressores sexuais de criança. Revista Psiquiatria clínica. 2009;36(3):101-11.

SERAFIN, A. P. ; VIANA , M. G. ; BARROS ,D. M. *Parafilias, violência sexual e saúde mental. In:* SERAFIN, A. ; BARROS.D.; SAFFI,F. (Orgs) Temas em psiquiatria forense e psicologia jurídica III. São Paulo: Vetor, 20013.

ZIMERMAM, D. E. **Psicanálise em perguntas e respostas:** verdades, mitos e tabus. Porto Alegre: Artmed, 2007.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Alberto Valença 12, 13, 16, 17, 20, 22, 23, 24

Alma 19, 37, 39, 43, 44, 45, 47, 48, 177, 219, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 232, 233, 278

Aluno 13, 142, 144, 145, 165, 167, 171

América Latina 88, 97, 109, 174, 175, 176

Aquarius 174, 175, 176, 177, 179, 182, 183, 184, 185, 186, 187

Audiovisual 1, 2, 4, 10, 109, 110, 112, 117, 179

### B

Bahia 1, 2, 3, 4, 5, 10, 12, 13, 15, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 26, 31, 67, 75, 76, 80, 83, 84, 93, 95, 97, 99, 104, 107, 121, 142, 144, 152, 154, 157, 161, 174, 188, 189, 217, 219

### C

Carnaval 33, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 100

Carnaval de Rua 65, 66, 67, 69, 70, 71, 72, 73, 75, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84

Clave 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104

Critérios amostrais 253

Cultura material 164, 219, 220, 228, 232, 233, 275

Cyber-infância 152, 153, 154, 155, 156, 157, 161

### D

Descolonial 174, 175, 176, 179, 182, 183

### E

Economia criativa 65

Educação especial 162, 163, 165, 167, 170

Educação inclusiva 162, 165, 167, 168, 172

Espírito 42, 48, 88, 190, 204, 206, 208, 209, 211, 219, 221, 222, 223, 224, 225, 228, 229, 232, 266

Eugenia 85, 86, 87, 88, 89, 91, 92, 93

### F

Fernando Pessoa 37, 38, 39, 40, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48

### G

Guerra Colonial 188, 189, 193, 195, 204

### I

Identidade 1, 3, 9, 11, 17, 37, 38, 40, 42, 45, 72, 78, 91, 92, 104, 110, 115, 126, 127, 128, 129, 130, 136, 140, 141, 145, 146, 147, 150, 175, 181, 183, 191, 192, 195, 212, 213, 223, 233, 235, 237, 245, 256, 257, 259, 260, 261, 268, 276

Inclusão 9, 32, 41, 139, 145, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 170, 171, 172, 173

Infância virtual 152, 153, 155, 161

## **J**

Jovens negros 142, 147, 149

## **L**

Legislação educacional 162

Literatura 4, 30, 31, 32, 37, 38, 39, 40, 48, 49, 85, 88, 89, 93, 108, 144, 151, 174, 183, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 195, 196, 260, 261

Literatura Brasileira 85, 174

## **M**

Mito 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 57, 83, 201, 202, 207, 209, 210, 212

Museu Gruppelli 219, 220, 221, 226, 230

Música Afro-Brasileira 95, 97, 98

## **N**

Necessidades especiais 162, 165, 166, 167, 168, 170, 171

## **O**

Orientação sexual 118, 253, 254, 255, 256, 257, 260

## **P**

Pintura Iconográfica 12

Práticas lúdicas 152, 153, 154, 156, 158, 160, 161

Psicometria 253, 255

## **R**

Racismo 85, 86, 92, 93, 121, 122, 123, 124, 126, 128, 133, 134, 135, 136, 138, 139, 140, 143, 145, 146, 147, 150, 193

Regionalismo 1, 2, 8, 9

Relação étnico-racial 142

Relações étnico-raciais 85, 86, 151

Religião 31, 37, 42, 45, 46, 48, 49, 104, 137, 268, 270, 271, 273, 274, 276, 277

Representação 1, 16, 19, 30, 39, 40, 45, 48, 53, 59, 63, 68, 83, 86, 99, 100, 101, 102, 117, 127, 129, 144, 151, 175, 181, 188, 189, 190, 191, 195, 219, 220, 228, 269

Rio de Janeiro 10, 12, 13, 14, 18, 19, 20, 24, 35, 49, 50, 63, 65, 66, 67, 69, 70, 71, 72, 75, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 86, 90, 112, 119, 140, 141, 161, 162, 170, 173, 183, 188, 195, 204, 233, 238, 250, 251, 253, 261, 278, 279

Ritmo Cabila 95

Ritmo Ijexá 95, 96, 100, 101

## S

Salvador 3, 11, 12, 13, 15, 17, 18, 19, 20, 22, 23, 24, 43, 65, 66, 67, 69, 72, 73, 74, 75, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 93, 95, 96, 97, 100, 104, 108, 121, 122, 123, 124, 125, 135, 139, 140, 141, 151, 152, 154, 157, 161, 208, 233

Sebastianismo 37, 38, 40, 45, 46, 47, 48, 49

Sertão 1, 2, 3, 4, 8, 9

## T

Tacho 219, 220, 221, 222, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 232

Trauma 188, 189, 190, 191, 192, 193, 195

## V

Violência 81, 105, 106, 107, 128, 139, 142, 144, 148, 149, 155, 160, 161, 179, 181, 192, 196, 206, 244, 246, 250, 252, 274

 **Atena**  
Editora

**2 0 2 0**